



MESTRE DO CINEMA

PROFESSOR DE *gerações*

VLADIMIR CARVALHO COMEÇOU A DAR AULAS NOS ANOS 1970 E FORMOU GERAÇÕES DE CINEASTAS EM BRASÍLIA

» NAHIMA MACIEL
» PEDRO IBARRA

Vladimir Carvalho desembarcou em Brasília em 1970 para dar um curso de três meses a convite de Fernando Duarte, então professor da Universidade de Brasília (UnB). O temporário virou permanente quando o cineasta, que já trazia na bagagem o curta *A bolandeira*, com o qual havia ganhado um prêmio no Festival de Brasília, aceitou o convite de Duarte para criar um núcleo de documentários na UnB. Vladimir tornou-se então professor da instituição, para a qual levou a convicção de que a vocação brasiliense era para a produção de documentários. Uma cidade que nascera sob lentes e holofotes não poderia ter outro destino, na concepção do cineasta. E foi com essa visão que ele formou gerações de diretores egressos da Faculdade de Comunicação da UnB (FAC/UnB), mas também de outras instituições, já que a influência se estendia por toda a cena cinematográfica da cidade. Vladimir era um farol e um caminho para uma pequena legião de jovens que aspiravam desenvolver uma ideia munidos de uma câmera.

Destaque do cinema nacional com longas como *Eduardo e Mônica*, *Impuros* e *Faroeste Caboclo*, René Sampaio foi aluno de Vladimir na década de 1990. “Me ajudou desde o primeiro curta, emprestando equipamentos e doando ensinamentos. Além de meu professor, era um grande amigo”, afirma o diretor.

René conta que Vladimir abriu portas para a caminhada como cineasta. “Eu fui suplente dele no conselho de cinema e vídeo — ele saiu por um período só para que eu pudesse também ser conselheiro de fato e entender como era a luta pelo nosso cinema. René, no cinema, nós somos do PCB, partido do cinema Brasileiro”, diz ele, bem sério”, recorda.

“Uma parte fundamental de



Vladimir Carvalho tinha 89 anos, dirigiu muitos filmes em Brasília e foi professor da Universidade de Brasília

nossa memória se vai, com a partida de Vladimir”, diz o documentarista Marcelo Díaz, que tinha o cineasta e professor como referência maior. “Uma referência, principalmente para nós que fazemos cinema documental no DF. Um batalhador do nosso cinema e pelo nosso cinema”, destaca Díaz, diretor do longa *Maria Luiza*. Ele ressalta ainda a capacidade de Vladimir para além da câmera. “Uma personalidade de uma capacidade de oratória poética, nordestina e questionadora. Cada discurso era uma aula”, afirma. “Lá em cima tem cinema dos bons hoje”, reflete.

Para Cibele Amaral, Vladimir morreu jovem. “Ele gostava muito de trocar e dialogar com as novas gerações. Sempre descobrindo talentos novos de Brasília. Então foi assim

que eu me lembro de ter conhecido Vladimir”, conta a diretora de *Se nada mais der certo*. Cibele destaca ainda a capacidade de observação do cineasta e o olhar atento para as novas gerações e para a própria cidade. “Eu adoro os filmes dele. Tinha a capacidade de observar a cidade, o que acontecia em torno dele, movimentações políticas, sociais. *Rock Brasília* retrata um período em que eu era adolescente e foi muito bacana ver a história contada pelo Vladimir. O olhar dele era super jovem, ele não era um homem preso, tinha essa facilidade de se conectar com todo mundo”, diz Cibele.

Homem de utopias

Professor da Faculdade de Comunicação da UnB (FAC/UnB), Pablo Gonçalves lembra-se das conversas

que levavam o interlocutor a mergulhar na mágica do cinema e na seriedade da história. Ele gostava de dar carona para Vladimir, que “não dirigia carros, só filmes”, depois de alguma sessão no Cine Brasília. “Se o tópico era antigo, ele se deleitava. Era capaz de descrever em detalhes a redação do JB, no Rio, onde ficava a mesa do Ferreira Gullar, reconstruir uma sequência de um filme do Rossellini, citar um trecho do *Casa-Grande & Senzala*, de quando não desligou a câmera e desafiou Oscar Niemeyer, uma cena do José Lins do Rego, como era a tela do cineclub que ele frequentou na Paraíba, do punhal de um cangaceiro que ele herdou. Uma estória puxava a outra”, conta Pablo. “Foi um homem de memórias e de utopias; e deixa muitos ensinamentos — o

legado de uma batalha e o charme de uma rara humildade — a uma geração de cineastas, de cinéfilos, de candangos.”

Um dos principais trabalhos do diretor sobre Brasília foi o longa *Rock Brasília — Era de ouro*. No filme, diversos nomes da geração de 1980 da música da capital interagiram com o documentarista e perceberam o apreço que tinha pela história da cidade. “Vladimir documentou a luta pela democracia e liberdade de expressão e o documentário *Rock Brasília* nada mais era do que a extensão do registro dessa luta. Esse foi justamente o registro dessa luta toda que foi o norte de sua obra. Uma obra que viverá para sempre junto com a lembrança do amigo e eterno companheiro da verdade”, diz Philippe Seabra, integrante da Plebe Rude.

Companheiro de banda de Seabra, André Mueller entende que o rock foi importante para Vladimir, mas o caminho inverso também ocorreu. O cineasta foi muito importante para o rock de Brasília. “Ter um documentário sobre o rock de Brasília feito por um cineasta do calibre político e social do Vladimir Carvalho só atesta a importância histórica e musical da nossa arte, como também nos dá credibilidade cultural. Sou grato e fã”, destaca.

Em 2009, o cineasta Iberê Carvalho acabava de voltar de Cuba, onde ganhara um prêmio no Festival de Cinema de Havana. Vladimir fez questão de parabenizá-lo e não hesitou em telefonar. “Fiquei profundamente impressionado e lisonjeado com esse gesto de carinho, pois ele nem me conhecia direito. Esse era o Vladimir. O amor e a paixão que ele sentia pelo cinema eram contagiantes. Ele respirava cinema 24 horas por dia. A cidade de Brasília nasceu sendo filmada por suas lentes. Que sorte Brasília teve de ele ter escolhido nossa cidade para viver. O Brasil perde um grande mestre do cinema documental”, lamenta Carvalho, diretor de filmes como *O último cine drive-in* e *O homem cordial*.

MEMÓRIA DA *tela*

» NAHIMA MACIEL

Dar um destino adequado e acessível à coleção da Fundação Cine Memória, um acervo precioso, colecionado de maneira quase involuntária e guardado em uma casa na W3 Sul, sempre foi o sonho de Vladimir Carvalho. São mais de 5 mil itens, entre jornais, revistas, fotografias, filmes, máquinas, câmeras e até mesmo a moviola usada por Glauber Rocha em *Terra em transe*, maquinário pesado que não pode ser transportado com facilidade. Todos os cômodos da casa estão ocupados pelo acervo e a vontade de Vladimir era criar uma espécie de extensão da Cinemateca Brasileira em Brasília.

No dia 3 de outubro, mesma semana em que sofreu o infarto, o cineasta participou de uma reunião com o presidente do Iphan, Leandro Grass, que abraçou o movimento, assim como a jornalista Márcia Zarur, que também estava no encontro. “A gente fez essa reunião para alinhar os próximos passos para a implementação da Cinemateca de Brasília, que nós estamos projetando e que também será a sede, o espaço para recepção e o acervo, a reserva técnica dos materiais que a gente diagnosticou”, conta Grass. Vladimir saiu do encontro muito feliz, segundo Márcia Zarur. “Ele saiu da reunião muito animado, comentando que era um dos dias mais felizes da vida dele porque queria

muito dar uma destinação digna ao acervo”, lembra a jornalista.

Grass explica que, durante a reunião, recebeu uma sinalização de apoio do Banco do Brasil para viabilizar o projeto. “Tínhamos uma solicitação para o Banco do Brasil (BB) pedindo parceria nesse projeto. Na hora da reunião, fiz algumas ligações e fiquei feliz porque a sinalização foi positiva”, diz. O presidente do Iphan deveria fazer uma outra reunião na semana que vem, com o próprio Vladimir, para dar o retorno. “A gente estava respeitando muito o desejo dele, ele estava aguardando há mais de 12 anos, por isso, sempre esperou por isso, por um apoio institucional para que o acervo fosse devidamente cuidado, inclusive para que fosse uma extensão da Cinemateca Brasileira”, diz Grass.

Em setembro, o Iphan finalizou a catalogação de todo o acervo do Cinememória, feita em parceria com a Universidade Federal de Tocantins. Era um passo necessário para saber exatamente o tamanho da coleção para, na sequência, poder definir o tipo de espaço físico necessário para receber a fundação. “O Banco do Brasil sinalizou que poderia acolher temporariamente ou patrocinar esse novo espaço. E estávamos vendo junto à Secretaria do Patrimônio da União (SPU) quais equipamentos a gente tem em Brasília, mas não tem algo ainda definitivo. A ideia era retornar com Vladimir para ver quais eram



O documentarista no Cinememória: legado de uma vida

os espaços disponíveis. E temos um imóvel do Iphan que está ocioso, poderíamos fazer uma obra. Brasília também tem museus, como o MAB, que podem receber. Vamos acelerar o passo para fechar o mais rápido possível”, garante Grass.

A diretora de Marketing e Comunicação do Banco do Brasil, Paula Sayão, lembra que, em várias ocasiões, a instituição fomentou

eventos sobre a obra de Vladimir. Em 2015, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) realizou uma grande mostra com filmes, exposição de cartazes e debate sobre o cineasta. “Neste momento, o BB avalia como contribuir para conservação do seu acervo, inclusive por meio da identificação de espaços que possam receber as obras na capital federal”, diz Paula.

DEPOIMENTOS

“Vladimir é um dos pilares do filme documentário brasileiro. Seus filmes são exemplos de como se fazer cinema, ao registrar a dura realidade brasileira dialogando com a poesia da imagem, mediadas pela paixão pelo Brasil. O cinema de Vladimir é um cineasta brasileiro, universal sem filho da grande Paraíba. Eu não tive contato profissional com o cineasta Vladimir, o Vladimir que amei e passei a admirar desde o primeiro dia que o vi foi e é o ser humano Vladimir. Tanto pela sua energia e entusiasmo pelo cinema e pelo Brasil contagiantes, como pela gentileza com a qual me tratou em todos os momentos que estivemos juntos.”

André Luiz Oliveira,
cineasta

“Vladimir abriu meus olhos para um tipo mais profundo, poético, transgressor, engajado, ousado, original e livre de documentário, quando vi *Conterrâneos velhos de guerra*. Depois, quando o conheci, aprendi que dedicação, irreduzibilidade e genialidade podiam conviver com simplicidade, acolhimento, doçura e afeto. Ancestralizou um de nossos maiores guerreiros do cinema.”

Luiz Bolognesi,
roteirista e cineasta